



Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1157

18.05.2025 (136)

Hitler em guerra : O que é que *realmente* aconteceu?

por A.V. Schaerffenberg

Parte 4

Capítulo 3: Reinhard Heydrich

"A devoção dos maiores é enfrentar o risco e o perigo e jogar aos dados da morte."

Friedrich Nietzsche

"Da superação de si mesmo", Segunda Parte, *Assim falou Zaratustra*

Pode dizer-se que a Alemanha perdeu a Segunda Guerra Mundial não só antes de ela começar, mas já em 1931, dois anos antes da eleição de Hitler como Chanceler, quando este ainda lutava pelo poder. Durante esse ano, Hans-Thilo Schmidt, um falhado proprietário de uma fábrica de sabão, conseguiu um pequeno cargo na *Chiffrierstelle* do exército alemão, ou "Gabinete de Cifras", através do seu irmão, Rudolf, então chefe do corpo de sinalização. Os criptógrafos da *Chiffrierstelle* tinham nessa altura aperfeiçoado, após quase dez anos de trabalho intensivo, uma

máquina de código muito mais avançada do que qualquer outro dispositivo de encriptação inventado até então. Conhecida como *Enigma*, preservava o segredo das ordens militares alemãs de todas as tentativas externas de as ler.

Em novembro, Schmidt foi para o Grand Hotel em Verviers, na Bélgica. Aí, entregou documentos confidenciais que revelavam o funcionamento secreto da *Enigma* a um agente secreto francês por 10.000 marcos (cerca de 30.000 dólares actuais). "Graças à traição de Schmidt", escreve Simon Singh na sua história da criptoanálise, "era agora possível aos Aliados criar uma réplica exacta da máquina militar alemã *Enigma*" (146). A operação para finalmente decifrar as suas mensagens codificadas foi designada pelos agentes dos serviços secretos britânicos como "o Ultrassegredo". Graças a um traidor apolítico que traiu o seu país por dinheiro, um mundo chegaria ao fim. Mas nem mesmo o *Ultra* foi suficiente para ganhar a guerra para os Aliados, particularmente no mar, onde os códigos da *Kriegsmarine* ainda desafiavam a descodificação. No entanto, no início de 1943, os britânicos capturaram um u-boat com parte do seu código ainda a bordo. Os traidores da *Abwehr* (Serviços Secretos Militares Alemães) forneceram o resto e, a partir daí, a campanha submarina entrou em colapso abrupto. Os capitães dos contratorpedeiros da Royal Navy e da U.S. Navy sabiam o paradeiro de todos os submarinos alemães e começaram a carregar neles sem descanso.

Os acontecimentos que conduziram a esse ponto de viragem crucial na Segunda Guerra Mundial começaram com uma luta secreta no interior do Terceiro Reich entre duas das suas figuras menos conhecidas: Wilhelm Canaris e Reinhard Heydrich. Ironicamente, os dois homens eram velhos amigos. Heydrich, líder do SS *Sicherheits Dienst* [o SD] (Serviço de Segurança das SS), tinha servido sob o comando de Canaris na marinha durante a década de 1920, e o seu antigo superior ascendeu ao cargo de chefe da *Abwehr* em 1935. No ano seguinte, Heydrich tornou-se chefe da *Gestapo* (*Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta do Estado, equivalente ao FBI ou à Scotland Yard). O seu dever era descobrir espões e traidores e promover a espionagem em países inimigos. Estas tarefas eram normalmente da competência da *Abwehr*, uma organização supostamente apolítica que se ocupava estritamente de problemas militares. Mas a S.D. era necessária para contrariar os opositores ideológicos - tanto estrangeiros como nacionais - empenhados em destruir o nacional-socialismo por todos os meios possíveis. Heydrich revelou-se um génio na derrota destes inimigos invisíveis e conseguiu, em grande medida, anular a eficácia da tecnologia dos serviços secretos, localizando rapidamente espões e traidores que forneciam à Inglaterra a informação vital que fazia o *Ultra* funcionar.

Não foi menos bem sucedido nas operações secretas ofensivas. Descrito por Mikkelson como "sem dúvida, o golpe mais espetacular de toda a guerra", Hey-

drich manipulou de tal forma a paranoia de Estaline com a utilização hábil de desinformação convincente que o Marechal respondeu assassinando o seu próprio alto comando do Exército Vermelho. A perda generalizada dos líderes militares profissionais da União Soviética manifestou-se em reveses humilhantes às mãos da pequena Finlândia, em 1940, e no sucesso ininterrupto das forças do Eixo na Rússia, no ano seguinte.

Em 27 de setembro de 1941, Heydrich foi nomeado protetor do território checo. Foi oficialmente nomeado para pôr ordem naquele território problemático e improdutivo, mas secreta e principalmente para perseguir uma rede de espionagem suspeita de atuar no interior da própria Wehrmacht. Heydrich tirou os checos de um domínio eslavo feudal que os dominava desde a Idade Média, com o objetivo de os tornar membros da moderna comunidade europeia. Os seus planos desenvolveram-se tão rapidamente no início de 1942 que os checos se tornaram os mais produtivos e pró-Reich de todos os povos ocupados - uma transformação ainda mais notável se tivermos em conta o seu ódio popular pela Alemanha menos de um ano antes. O sucesso de Heydrich residiu na sua determinação em fazer da política checa um Estado nacional-socialista ideal, no qual o seu povo sentia que já não pertencia a um pequeno país insignificante, mas sim a membros valiosos e contribuintes de um continente unido. Começaram a pensar em si próprios menos como checos do que como europeus que lutam pela sua existência comum, não só com alemães, mas também com franceses, escandinavos, húngaros, espanhóis, etc.

Enquanto Heydrich melhorava o protetorado checo com uma mão, desfazia a traição e a espionagem dos inimigos clandestinos do Reich com a outra. Seguiam-lhes o rasto, prendendo um espião atrás de outro, com consequências desastrosas para os serviços secretos militares britânicos. Mas em fevereiro de 1942, Heydrich fez uma descoberta chocante: Paul Thuemmel, um agente da *Abwehr* alemã, estava a espiar para os Aliados. Em vez de liquidar Thuemmel, Heydrich libertou-o e mandou-o seguir. O traidor estava a levar os investigadores da S.D. aos mais altos níveis da *Abwehr*, talvez até ao velho amigo de Heydrich, Wilhelm Canaris.

Heydrich desconhecia o ódio profundo que Canaris nutria pelo nacional-socialismo e os danos terríveis, ou mesmo decisivos, que já tinha causado à Alemanha. Por exemplo, no verão de 1940, Canaris, como líder dos serviços secretos militares do Terceiro Reich, recebeu ordens para preparar diplomaticamente o caminho para a cooperação com a França de Vichy e depois com Espanha, onde Hitler se ia encontrar com Phillipe Petain e Francisco Franco, respetivamente. O Führer acreditava que a sua cooperação era tão importante que queria apelar-lhes pessoalmente. Hitler era um grande admirador do marechal francês, que ficou ao lado do seu país derrotado na hora mais negra da guerra, em junho passado, enquanto Charles DeGaulle e outros, que iniciaram a guerra com a Alemanha, deixa-

ram a França ao abandono, fugindo para Inglaterra.

Hitler tinha escolhido bem o momento do seu encontro. A 3 de julho, navios da Royal Navy lançaram ataques furtivos e não provocados contra a frota francesa que se encontrava pacificamente ancorada nos seus portos do Norte de África, Oran e Mers-el-Kebir, na Argélia. Os bombardeiros do porta-aviões HMS, *Ark Royal*, regressaram no dia 6, quando a sua tentativa de afundar o navio de guerra francês, *Dunkirk*, foi derrotada, mas não antes de um torpedo britânico ter atingido um isqueiro carregado com cargas de profundidade, matando 150 dos seus tripulantes. Dois dias mais tarde, mais bombardeiros do HMS *Hermes* atacaram o navio-almirante francês *Richelieu*, em Dakar, e foram novamente repelidos pelos defensores. Ainda no final de setembro (23 a 25), Churchill tentou capturar as forças navais francesas na África Ocidental. Na sua tentativa de apoderar-se da guarnição de Dakar, os franceses lutaram tão furiosamente que danificaram gravemente dois navios de guerra britânicos (HMS *Barham* e *Resolution*), e mandaram a sua tentativa de invasão embora.

Estas vitórias restauraram a autoestima francesa após a derrota para a Wehrmacht alemã e representaram sérios golpes na moral britânica, particularmente na Royal Navy. Durante os primeiros dois dias de agressão inglesa contra os seus antigos camaradas de armas, 1.297 marinheiros franceses foram mortos; outros foram horivelmente escaldados por mares de óleo a arder, os seus navios afundados ou gravemente danificados. Churchill alegou que os ataques ao seu aliado, apenas dois meses antes, tinham como objetivo evitar que os navios fossem capturados pela Alemanha. Mas Hitler nunca esteve interessado na Marinha francesa; não tinha qualquer intenção de desperdiçar as suas preciosas reservas de petróleo, destinadas aos Panzers, em navios de guerra caros e vulneráveis.

Consequentemente, permitiu que os navios franceses fossem tripulados e mesmo armados exclusivamente por marinheiros franceses, ao abrigo de uma disposição especial, segundo a qual as tentativas de captura da frota por alemães, italianos ou britânicos teriam como resultado o seu afundamento antes de poderem ser tomadas. Por outras palavras, o Fuehrer tornou impossível para si próprio - ou para qualquer outra pessoa - roubar os navios franceses. Churchill sabia disto, bem como o resto do mundo, porque o acordo tinha sido publicado como notícia de primeira página em todos os principais jornais do mundo. Embora os Aliados continuassem a descrever Hitler como um mentiroso indigno de confiança, uma conferência naval secreta realizada no seu quartel-general em Wolfsschlucht, a 20 de junho de 1940, prova que ele acreditava no que dizia. O Grande Almirante Raeder relatou em relação à Alta Frota Francesa, "O Fuehrer deseja abster-se de tomar quaisquer medidas que possam afetar a honra francesa".

O verdadeiro motivo de Churchill para ordenar a cobarde operação era vingar-se

da França por ter tido o desprazer de assinar um armistício com os desprezíveis nazis, apesar de ter traído o exército francês no terreno durante a campanha de 1940, assegurando a sua derrota (ver abaixo). Churchill tinha outros motivos para a agressão. A *Enciclopédia Ilustrada Marshall-Cavendish da Segunda Guerra Mundial*, pró-Aliados, admitiu: "Para ser franco, Churchill queria dar um golpe poderoso a baixo custo para galvanizar a opinião nacional e internacional britânica. Como escreveu em *The Second World War*, 'Aqui estava esta Grã-Bretanha que tantos tinham contado como perdida, que os estranhos supunham estar a tremer à beira da rendição perante o poderoso poder que se lhe opunha, atacando impiedosamente os seus mais queridos amigos de ontem e assegurando por algum tempo o comando indiscutível do mar' (sic, as forças navais britânicas foram repelidas pelos defensores franceses)" (vol I, 229).

Segundo a mesma fonte (226, 227), quando propôs uma ação militar contra os seus "mais queridos amigos de ontem" aos comandantes da Royal Navy, North e Somerville, estes ficaram "horrorizados e espantados". Mais de vinte anos depois (em 1962), o Almirante da Armada (reformado) Sir John H.D. Cunningham ainda se encolhia perante a própria recordação da traição armada de Churchill a um aliado surpreendido como "terrivelmente vergonhosa; terrivelmente estúpida" (229). Ao desencadear uma guerra total - não apenas contra um país neutro, mas contra um antigo aliado de apenas oito semanas antes - Churchill cometeu um verdadeiro crime de guerra de primeira grandeza. No dia seguinte ao seu ataque dissimulado, os franceses cortaram relações diplomáticas com a Grã-Bretanha e, em retaliação, enviaram um bombardeamento contra Gibraltar. Churchill recuou na declaração de guerra, porque ao fazê-lo teria dado a Hitler o que o Fuehrer queria: uma aliança militar com os franceses.

O ódio contra a duplicidade dos britânicos nunca tinha sido tão grande em França, e Hitler procurou tirar partido do sentimento popular solicitando a Petain uma aliança contra a Inglaterra. Tendo em conta os acontecimentos recentes, o Marechal sentiu-se obrigado a aceitar, pelo que as perspectivas de cooperação franco-alemã pareciam boas. O general Franco estava ainda mais ansioso por entrar na luta. Apreciou a oportunidade de vir em auxílio do Reich num momento de crise, tal como os alemães o tinham ajudado a vencer na Guerra Civil de Espanha. Mas antes de o Führer se encontrar com Petain e Franco para confirmar as suas alianças, Canaris informou-os pessoalmente, na mais estrita confidencialidade, como um velho soldado aos seus irmãos de armas, que a Alemanha estava condenada a perder a guerra e que ambos os estadistas, se amassem os seus países, nunca deveriam concordar com qualquer tipo de acordo com Hitler. Ficaram estupefactos com tal notícia, mas como vinha de ninguém menos do que o chefe dos serviços secretos militares da Alemanha, estavam inclinados a acreditar nele, apesar da lin-

ha ininterrupta de sucessos de Hitler em todas as frentes na altura.

Franco, em especial, era vulnerável à subversão do chefe *da Abwehr*, porque era um velho amigo pessoal do insinuante Canaris, em cujo gabinete estava pendurada uma grande fotografia, não do seu Fuehrer, mas do generalíssimo espanhol. Quando Hitler visitou Petain, o Marechal, embora continuasse amigável, recusou inexplicavelmente todas as propostas de cooperação; a sua atitude tinha mudado. Pelo seu apoio contra a Inglaterra, Hitler ofereceu-se para reconstruir a frota francesa, mas nem mesmo esta generosidade sem precedentes convenceu Petain. Um ano mais tarde, no início de julho, a beligerância de Churchill contra o seu antigo aliado não cessou, quando lançou uma poderosa invasão da Síria neutra. Os defensores franceses foram esmagados, mas não sem antes infligir cerca de 2.500 baixas aos britânicos. Tal agressão - a tomada de território francês, o assassinio de milhares de civis franceses em ataques terroristas e o afundamento de navios franceses com elevado número de vítimas mortais - eram motivos mais do que suficientes para o Marechal declarar guerra à Inglaterra. Mas Canaris tinha envenenado a sua mente com sérias dúvidas sobre o futuro, incertezas que o impediam de tomar a decisão correcta.

Após o decepcionante encontro com Petain, Hitler foi igualmente rejeitado em Hendaye, na fronteira espanhola, por Franco, cuja tomada de Gibraltar teria assegurado a vitória no Mediterrâneo e, inevitavelmente, no Norte de África. Esta era a operação que mais preocupava o Fuehrer na altura. Ele queria uma aliança entre a Alemanha, a Itália, a França e a Espanha para expulsar os britânicos do Mediterrâneo. Sem a sabotagem diplomática levada a cabo por Canaris, essa aliança ter-se-ia, sem dúvida, concretizado e o curso da guerra teria mudado radicalmente a favor do Eixo. Mas a sua sabotagem diplomática não se limitou a França ou a Espanha. Tentou igualmente dissuadir a Bulgária, com as suas valiosas reservas de petróleo, de se juntar ao Eixo, mas falhou quando o rei Bóris aliou o seu país ao Reich, a 1 de março de 1941. Como vingança cobarde, Canaris mandou envenenar o monarca dois anos mais tarde.

Tal como outros aristocratas recalcitrantes que conspiravam nas sombras contra o seu próprio povo, Canaris "nunca teve falta de dinheiro para manter uma vida confortável e culta em casa" (Manvell, 41), mesmo durante os dias mais negros do pós-Primeira Guerra Mundial, quando os alemães empobrecidos morriam à fome aos milhões. Filho de um industrial do Ruhr, estava determinado a manter a sua posição de riqueza herdada acima de todas as outras considerações. É possível que tenha havido outro fator que não só gerou compreensivelmente o seu ódio inveterado ao nacional-socialismo, como o distinguiu dos seus colegas traidores. Canaris era possivelmente judeu. Conhecido misteriosamente entre os seus amigos mais próximos como "o pequeno Levantino" (Manvell, 39), tinha raízes an-

cestrais, não na Alemanha, mas na Lombardia, onde os judeus geriam uma próspera comunidade mercantil desde o Renascimento italiano. Um relatório não confirmado (Britton, 26) menciona numa nota de rodapé que "Wilhelm Canaris" nasceu de facto Moses Meyerbeer. Manvell e Fraenkel sublinham a sua origem possivelmente não ariana, explicando que Canaris "conseguiu mesmo (através da utilização de documentos falsos) introduzir judeus na *Abwehr*, homens como os coronéis Simon e Bloch" (140). Com judeus a dirigir os seus próprios serviços secretos militares, dificilmente se poderia esperar que Hitler ganhasse a guerra.

Na primavera de 1942, Heydrich começava a identificar Canaris (ou Meyerbeer?) como o traidor mais perigoso do Terceiro Reich. Segundo o oficial *do SD*, Walter Schellenberg, Heydrich "tinha a certeza, de facto, que Canaris tinha traído a data do ataque no Ocidente, mas, mesmo assim, não queria avançar já com o processo contra ele. Iria esperar e reunir mais provas. "Não se deve deixar adormecer por ele", avisou-me Heydrich. No entanto, chegaria o dia em que Canaris seria punido por todos os danos que tinha causado ao regime" (Schellenberg, 405-6). De facto, Canaris não só tinha informado os britânicos do avanço da Alemanha contra a França, como os tinha avisado duas vezes do ataque iminente à União Soviética (Manvell, 150).

Canaris estava finalmente a tornar-se circunspeto entre os elementos leais da Wehrmacht. O marechal de campo Wilhelm Keitel "tinha-o mesmo repreendido pelos avisos incessantes que, como chefe dos serviços secretos militares, considerava ser seu dever fazer" (Manvell e Fraenkel, 150). E Heydrich estava a começar a aproximar-se do traidor da *Abwehr*. "Reparei agora, pela primeira vez, em sinais de cansaço interior em Canaris", recorda Schellenberg. "Ele estava desgastado pelo contínuo conflito interno. As tácticas geladas de Heydrich dos últimos meses começavam a surtir efeito. Sentia-se inseguro e inquieto e, segundo me pareceu, tinha um certo medo físico de Heydrich" (Schellenberg, 406). A impressão de Schellenberg foi corroborada por um dos primeiros biógrafos de Canaris; o almirante de casaca virada estava "francamente assustado com Heydrich, a quem uma vez chamou "a mais inteligente das bestas". Embora nunca parecesse nervoso com Hitler, por mais difíceis que fossem as circunstâncias, um telefonema de Heydrich perturbava-o durante todo o dia" (Abshagen, 202).

Canaris, em pânico, informou os britânicos de que, se Heydrich não fosse eliminado de imediato, perderiam todos os seus contactos na Alemanha ao fim de algumas semanas. Numa luta justa, os alemães tinham sempre ganho e continuariam a ganhar, até que a vitória final fosse deles. A única esperança de sobrevivência dos Aliados era a espionagem. O programa checo de Heydrich foi igualmente considerado para ser implementado em todos os territórios ocupados, onde os aristocratas do exército alemão, de mão pesada, estavam no comando. Segundo Mikkel-

son, Heydrich "não esperava nada menos do que substituir a ineficiente e corrupta administração do Exército em França e, possivelmente, em todos os territórios. Os líderes aliados em Moscovo e Londres estavam aterrorizados. E se Heydrich e as SS tomassem conta de todos os territórios e recrutassem a cooperação efectiva de dezenas de milhões de franceses, belgas, holandeses, dinamarqueses, noruegueses, polacos, eslavos, ucranianos e russos brancos, unidos num super-Estado SS? A guerra poderia estar perdida! É evidente que Heydrich era o homem mais perigoso do Terceiro Reich e que devia ser eliminado a todo o custo."

Alarmado com a gravidade da situação, Churchill ordenou que alguns assassinos checos expatriados caíssem de para-quedas perto de Praga. Na manhã de 27 de maio, atacaram o carro aberto e desprotegido em que Heydrich se encontrava. A granada de mão explodiu no tabuleiro de corrida, ferindo-o mortalmente. Heydrich permaneceu em sofrimento durante alguns dias, tendo falecido às 4h30 da manhã do dia 4 de junho de 1942. Na sequência do seu assassinato, o *Afrika Korps* de Rommel foi gravemente derrotado em El Alamein, seguido, apenas algumas semanas mais tarde, pelo cerco das 22 divisões do 6º Exército, com 330.000 homens, em Estalinegrado - as duas batalhas mais decisivas da Segunda Guerra Mundial. Em ambos os casos, Churchill e Estaline conheciam os planos de batalha dos alemães antes de estes entrarem em campo.

Provavelmente, nada representou mais graficamente o ponto de viragem atingido com a morte de Heydrich do que a guerra no mar: O momento do seu assassinato marcou o ponto alto absoluto da campanha submarina alemã, quando 190 navios aliados foram afundados, o maior número de sempre dos u-boats. A partir do mês seguinte, os seus êxitos diminuíram. Não foi por acaso que o Eixo estava a ganhar até ao seu assassinato, mas começou a perder de forma constante a partir daí.

Heydrich estava talvez a poucos dias de prender Canaris e encerrar a *Abwehr*, dominada pelos judeus, com consequências inevitavelmente fatais para todos os conspiradores do Estado-Maior. Mas, após o seu assassinato, os investigadores da Gestapo foram desviados por uma rede de espionagem aparentemente mais urgente no interior da Alemanha, conhecida como *Die rote Kapelle* ("A Orquestra Vermelha"). Foi criada e operada por Leopold Trepper, um judeu comunista, que emigrou para Israel depois da guerra. Tal como os seus homólogos da *Abwehr* e do Estado-Maior, os traidores de Trepper eram diletantes da classe alta, incluindo uma judia americana e "um aristocrata prussiano empobrecido" (Manvell, 166). Esta ralé sediciosa, conhecida até entre eles como "a aristocracia comunista", também gostava do que consideravam flirts intelectualmente na moda com o marxismo de estilo soviético para se distinguirem dos nazis vulgares.

Com a ajuda de Trepper (10.000 marcos, impressoras móveis e vários transmis-

sores de rádio), criaram "uma organização para o trabalho de informações e a promoção de propaganda política que, em grande medida, ameaçava a máquina de guerra nazi" (Manvell, 166). A Orquestra Vermelha colocou agentes no estado-maior da Luftwaffe, no Serviço de Controlo de Emissões Estrangeiras e até no próprio governo alemão. Embora a *Orquestra Vermelha* de Trepper tenha acabado por ser eliminada pela Gestapo e pela S.D., a sua perseguição e erradicação desviaram as atenções da Abwehr e do Exército.

Entretanto, os investigadores da contraespionagem não conseguiam acreditar que os próprios serviços secretos militares alemães fossem um viveiro de traidores. Nos anos que se seguiram ao assassinato de Heydrich, Canaris retomou o seu papel de cancro mais letal da Alemanha, até ser desmascarado no atentado falhado contra a vida de Hitler, a 20 de julho de 1944. Oito meses depois, "o pequeno levantino" morreu na forca. Demasiado tarde! Nessa altura, ele e os seus colegas traidores do Estado-Maior tinham fornecido aos Aliados tudo o que precisavam para ganhar a guerra. Hitler era como um boxeador cego lutando contra adversários em menor número, que sabiam cada movimento muito antes de ele o fazer.

Como escreve Mikkelson, "os líderes aliados em Londres e Moscovo sabiam exatamente o que estava em jogo. O assassinio de Reinhard Heydrich, o supergrupo das SS, garantiu que o Terceiro Reich seria esmagado pelas tenazes aliadas de um número esmagador".

[illegible]



Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.08.2022 (133)
NSDAP/BO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal

Entrevista com Molly

Terceira parte

NSK: Os seus projetos atuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tal tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento atualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.mourningtheascient.com/) truth hits! Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado





the NEW ORDER

October 17th 1935
Frankfurt 1978
April 26, 2017-18

The Fight Goes On !

Nearly twenty after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the postwar National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expatriation, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the heilfests idea or our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other socially-aware countrymen and social kinmen fight side by side for the preparation of a new White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are non-White immigration, culture destruction, and re-education.

Whether "Jugend" or "Völkisch", whether in election halls or secret halls, whether armed with propaganda material or as a battlefield of a different kind: every National Socialist must be his day!

Heil Hitler!
Gottlieb Lueck



**O NSDAP/AO é o maior fornecedor
Mundo da propaganda nacional-socialista!**

Revistas impressas e online em vários idiomas

Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas

Mais de 100 sites em dezenas de idiomas

A banner for the NSDAP/AO (National Socialist Defense Party / American Organization) featuring a swastika symbol, the text "NSDAP/AO", the slogan "Fight Back!", and a call to action "Contact us to find out how YOU can help!" with the website "nsdapao.org". The banner also includes a small image of a statue's head.